





ESCRITOS POLÍTICOS



FRANTZ
FANON
ESCRITOS POLÍTICOS

Tradução: Monica Stahel



© Desta edição, Boitempo 2021
© Frantz Fanon, Editions La Découverte, Paris, 2015, 2018

Traduzido do original em francês “Écrits politiques”
em *Écrits sur l'aliénation et la liberté* (Editions La Découverte, Paris, 2015)

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Pedro Davoglio

Coordenação de produção Livia Campos

Assistência editorial Carolina Mercês

Tradução Monica Stahel

Preparação Mariana Echalar

Revisão Carolina Hidalgo Castelani

Capa e xilogravuras Edson Iké

Diagramação Antonio Kehl

Fotos Wikimedia Commons

Equipe de apoio Artur Renzo, Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Jéssica Soares, Kim Doria, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marisol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Thais Rimkus, Túlio Candiotti

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F215e

Fanon, Frantz, 1925-1961

Escrítos políticos / Frantz Fanon ; tradução Monica Stahel. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.

Tradução de: Écrits politiques em *Écrits sur l'aliénation et la liberté*

“Inclui cronologia e informações sobre o autor”

ISBN 978-65-5717-027-4

1. Imperialismo. 2. Colonização. 3. França - Colônias - África. 4. Movimentos anti-imperialistas. 5. Liberdade. 6. Ensaios franceses. I. Stahel, Monica. II. Título.

21-70484

CDD: 844

CDU: 82-4(44)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la publication de l'Institut Français.

Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.



1ª edição: maio de 2021

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editorabotitempo

www.youtube.com/tvboitempo | www.instagram.com/boitempo

Sumário

Prefácio: A política dos “escritos políticos” de Frantz Fanon – <i>Deivison Mendes Faustino</i>	9
Introdução – <i>Jean Khalfa</i>	25
A Legião Estrangeira desmoralizada	31
Independência da Argélia, a realidade de todos os dias	39
Independência nacional, a única solução possível.....	41
A Argélia e a crise francesa	49
O conflito argelino e o anticolonialismo africano	55
Uma revolução democrática.....	61
Mais uma vez, por que a precondição?.....	67
A consciênciia revolucionária argelina	73
Estratégia de um exército encurrulado	75
Os sobreviventes da terra de ninguém	79
O testamento de um “homem de esquerda”	83
A lógica do ultracolonialismo.....	85
O mundo ocidental e a experiência fascista na França.....	91
As ilusões gaullistas.....	95
O calvário de um povo	103
A expansão do movimento anti-imperialista e os retrógrados da pacificação	111

O combate solidário dos países africanos.....	119
<i>Escuta, homem branco!</i> , de Richard Wright.....	123
Em Conacri, ele declara: “A paz mundial passa pela independência nacional”	127
A África acusa o Ocidente	131
Os lacaios do imperialismo	139
Carta a Ali Shariati	145
Cronologia	149
Sobre o autor – <i>Jones Manoel</i>	155

A consciência revolucionária argelina

El Moudjahid, n. 14, 15 de dezembro de 1957¹

A luta que o povo argelino trava com tanto entusiasmo e furor adquire seu verdadeiro significado não apenas com relação ao colonialismo francês, ao qual ela deve dar fim, mas também e mais profundamente com relação à história da Argélia em seu conjunto, que ela é chamada a transformar e a reconstruir sobre novas bases. O processo de libertação nacional na Argélia é profundo demais para não assumir o caráter de um processo revolucionário que dá à luta anticolonialista um vigor maior e abre perspectivas de uma mudança substancial capaz de alterar o destino do povo.

Os estrategistas tacanhos da política colonial pretendiam ver na insurreição de 1º de novembro apenas uma das múltiplas convulsões locais sem futuro que periodicamente agitam o povo, apenas um incidente banal na engrenagem opressiva que, desse modo, não teria motivo nenhum para não continuar funcionando. Os progressos da luta não tardaram em revelar que se tratou de uma irrupção revolucionária que deveria expressar-se objetivamente numa revolução organizada e em rápido desenvolvimento.

Isso obriga a França a uma revisão radical de suas concepções argelinas, altera seus projetos a curto e longo prazo, desfaz de maneira fulgurante as ilusões acumuladas. Enquanto os ultracolonialistas, estupefatos, veem-se forçados a jogar sua última cartada, os promotores do colonialismo esclarecido estão desarmados, como que pegos desprevenidos diante de um problema que são incapazes de dominar, e cuja dimensão ultrapassa suas concepções tradicionais. Os franceses na Argélia encontram-se diante de um desses

¹ I, p. 213 (JF; GP).

turbilhões que surgem apenas uma ou duas vezes na vida de um povo e cuja ação irrefreável acarreta o surgimento de fatores favoráveis a uma arrancada e a um novo ritmo da história.

É próprio de uma revolução mais ou menos profunda – e esse é o caso da Argélia – imprimir movimento às massas, animá-las catalisando suas energias, lançando-as à conquista de seus direitos. Incitadas, elas rompem as estruturas que as mantinham presas ao imobilismo e à passividade e provocam a queda do sistema de opressão, reduzindo-o a pó. É nesse movimento gigantesco que elas tomam consciência de si mesmas, de sua força, e sua capacidade criadora encontra os meios de sua realização.

O destino prodigioso da insurreição de 1º de novembro de 1954 está no fato de que as massas se movimentaram, se puseram em movimento, levando com elas o resto do edifício social argelino do qual elas constituem o alicerce. É graças a essa intervenção das camadas populares que a revolução ataca em profundidade, para além da dominação colonial e através dela, os males inerentes à antiga sociedade argelina que não conheceu mudanças fundamentais desde a época de Ibn-Khaldun*. Escravos de estruturas feudais e patriarcais solidificadas, os camponeses, os *khemmas*, os trabalhadores agrícolas, os pequenos artesãos, que hoje constituem 82% da população argelina, mantiveram-se praticamente à margem da ação social e política, da qual participavam apenas episodicamente e muitas vezes de maneira inconsciente.

* Abu al-Rahman Ibn Mohammad Ibn Khaldun al-Hadrami (1332-1406), historiador turco também conhecido como Ibn-Khaldun. Escreveu na Argélia o primeiro volume de sua *História universal*, no qual concilia a análise dos eventos históricos com a psicologia, a economia e o ambiente social em que eles se desenrolam. (N. E.)